



Homilia de S. Ex.^a Rev.ma D. Andrés Carrascosa

Núncio Apostólico em Portugal

na Dedicção do Santuário Eucarístico

Balasar, domingo, 11 de outubro de 2026

Excelentíssimo e querido irmão no Episcopado, D. José, agradeço de novo, publicamente, o convite feito ao Representante do Santo Padre para estar presente na Dedicção deste Santuário Eucarístico, que guarda as relíquias da Beata Alexandrina de Balasar, e na Dedicção do Altar.

Excelentíssimos e queridos irmãos no Episcopado, que viestes acompanhar a Arquidiocese de Braga neste momento tão importante; queridos irmãos no sacerdócio, no diaconado e na vida consagrada; Excelentíssimas autoridades, alegro-me vê-las a acompanhar o seu povo; queridos irmãos e irmãs, todos, no Senhor:

Estou muito feliz por estar hoje aqui em Balasar, partilhando convosco esta celebração. O Papa é o Sucessor de Pedro e a missão que Jesus lhe confiou é confirmar os seus irmãos na fé. Gostaria, em nome do Papa Leão XIV, que esta celebração fosse também um momento de vos confirmar na fé.

A celebração da Dedicção de uma igreja e da Dedicção de um altar está repleta de símbolos. Permiti-me que vos explique brevemente o seu significado.

Começámos sem acender as luzes, sem vestir o altar, sem o beijar, como normalmente fazemos, e aspergindo a assembleia com água benta. Por vezes, corremos o risco de considerar a água benta quase como um amuleto. A água benta recorda-nos o nosso Batismo.

Fomos batizados quando éramos ainda crianças e os nossos pais e padrinhos professaram a fé em nosso nome. Mas, à medida que crescemos, cada um de nós deve assumir pessoalmente essa fé. A água do Batismo recorda-nos também que não nos pertencemos a nós mesmos: a partir do Batismo pertencemos a Jesus Cristo, que nos fez filhos de Deus.

Quantas vezes caminhamos pela vida como se fôssemos órfãos! E não há pior órfão do que aquele que tem pai e não o sabe. Nós temos um Deus que é nosso Pai e que nos ama infinitamente. A água benta recorda-me isto: sou filho, não sou órfão.

A água benta não é um fetiche nem uma garantia de que «tudo me corra bem». Deve levar-nos a viver o nosso Batismo, a viver como filhos de Deus. Essa é a maior riqueza que nós, cristãos, possuímos.

Vereis agora uma cerimónia que não é habitual: o altar será ungido com o Santo Crisma. Na Missa Crismal, na Quinta-Feira Santa, o Bispo consagra o Santo Crisma, utilizado no Batismo, na Confirmação, na Ordenação dos Presbíteros e dos Bispos e na Dedicção das igrejas.

«Crisma» e «Cristo» têm a mesma raiz: Crisma é unção; Cristo é o Ungido. Também nós fomos ungidos com o Santo Crisma no Batismo e na Confirmação; fomos consagrados, pertencemos a Cristo.

Agora, o Santo Crisma será utilizado para dedicar este altar, porque o altar é símbolo de Jesus Cristo. Por isso, no início e no final de cada Missa, o sacerdote beija o altar.

Mas falar do Crisma deve levar-nos novamente ao nosso Batismo. Tu e eu fomos ungidos como Cristo; somos chamados a viver como Cristo. Um cristão precisa de se perguntar: «Senhor, o que Tu queres que eu faça?» Ou, perante cada situação: «O que faria Cristo se estivesse no meu lugar?» Em casa, no trabalho, com os vizinhos, diante das dificuldades: como Se comportaria Cristo se estivesse no meu lugar? É isto que o Santo Crisma nos recorda.

Depois, será colocado e queimado o incenso sobre o altar. O incenso recorda-nos as palavras do Salmo: «Suba até Vós, Senhor, a minha oração, como incenso na vossa presença». Que a nossa vida seja vivida em relação com Deus, como sacrifício de agradável odor.

O cristão é chamado a ser o *bonus odor Christi*, o bom perfume de Cristo. Que aqueles que se aproximam de nós possam encontrar esse «bom perfume»; que aquele que cruza o nosso caminho se encontre, de algum modo, com Jesus Cristo, porque vivemos como bons discípulos Seus.

As palavras contam cada vez menos. As pessoas estão cansadas de palavras e procuram testemunhas de vida. São Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi*, recordava que o mundo escuta mais as testemunhas do que os mestres. Também nós, que temos a responsabilidade de ensinar, devemos fazer com que a nossa vida seja testemunho. Primeiro vem a vida; depois, as palavras. Sem testemunho, as palavras perdem a sua força. A nossa vida deve ser o bom perfume de Cristo.

E chegamos ao último símbolo: a luz. As luzes da igreja serão acesas. E isto leva-nos à palavra do Senhor: «Vós sois a luz do mundo». O mesmo Jesus que afirma

«Eu sou a luz do mundo; quem Me segue não anda nas trevas» confia-nos a missão de sermos luz do mundo e sal da terra.

Por vezes, também na Igreja queremos ser protagonistas. Mas Nosso Senhor não nos chamou a deslumbrar; chamou-nos a iluminar. Uma só luz, na escuridão, permite encontrar o caminho. Recordemos a Vigília Pascal: a igreja está na escuridão; entra o Círio Pascal e, pouco a pouco, a sua luz alcança toda a assembleia. Isso é iluminar: ser ponto de referência.

Numa sociedade tantas vezes desorientada, nós, cristãos, temos a responsabilidade de ser pontos de referência. Essa é a nossa missão.

Estes quatro símbolos — a água, o Crisma, o incenso e a luz — conduzem-nos, assim, a uma compreensão mais profunda da nossa vida cristã.

Estamos a dedicar uma igreja e um altar. Isto recorda-nos que todos nós, batizados, somos pedras vivas com as quais se constrói o novo templo, que é o Corpo de Cristo. Jesus disse: «Destruí este templo e Eu o reconstruirei em três dias», porque o verdadeiro templo é o Seu Corpo, e nós somos membros desse Corpo. Por isso, somos também templo do Espírito Santo.

Se tivéssemos verdadeira consciência de que somos templo do Espírito Santo, viveríamos de outra maneira. Cada um de nós foi feito membro do Corpo de Cristo. Por que razão, então, dedicamos este templo material? Para que acolha o Corpo de Cristo espiritual que todos nós formamos.

E, se somos pedras vivas, cada um tem a sua missão. Ninguém deveria viver numa comunidade cristã sem se ocupar de alguma responsabilidade. Uns participam num grupo de oração, outros num movimento, numa pastoral, no coro ou noutra forma de serviço. Há milhares de possibilidades. Cada um recebeu de Deus um dom: coloca-o ao serviço dos outros. Sê uma pedra viva que contribui para edificar o Corpo de Cristo.

Estamos a dedicar este Santuário Eucarístico, que a memória da Beata Alexandrina de Balasar fez erguer. Ela é, para todos nós, um exemplo luminoso de como viver a consagração do Batismo, pertencer a Cristo e confiar plenamente no Pai do Céu. A sua vida foi o «bom perfume de Cristo» para aqueles que a conheceram e continua a sê-lo hoje. Foi também uma luz que brilhou na escuridão do mundo.

Qual é a mensagem que Alexandrina, mais pela sua vida do que pelas suas palavras, deixa hoje a cada um de nós, cristãos do século XXI?

Ela foi uma leiga, inserida numa família nesta pequena aldeia portuguesa. A sua santidade desenvolveu-se no meio das circunstâncias comuns — e depois extraordinariamente dolorosas — da sua existência. Ensina-nos que a santidade não está reservada àqueles que realizam grandes obras. Pode amadurecer numa casa,

numa família, na doença, no trabalho e na aparente insignificância da vida quotidiana.

No Sábado Santo de 1918, quando tinha 14 anos, Alexandrina encontrava-se em casa com a sua irmã e outra jovem, quando três homens entraram violentamente. Para escapar à agressão, lançou-se de uma janela e ficou, pouco a pouco, definitivamente acamada, durante cerca de trinta anos. Pediu a cura a Nossa Senhora, sonhando ser missionária, mas compreendeu que Deus lhe confiava outra forma de missão. Passou da resignação à plena conformidade com a vontade de Deus.

Ela não procurou o sofrimento pelo sofrimento. A fé cristã não elimina necessariamente a fragilidade, a doença ou as situações irreversíveis, mas pode dar-lhes um sentido novo. Alexandrina ensina-nos a passar da pergunta «Por que me acontece isto?» para outra: «Como posso amar a partir da situação em que me encontro?»

A sua espiritualidade foi profundamente eucarística. Compreendeu que Jesus estava no Sacrário e que ela estava presa ao seu leito; por isso, faziam companhia um ao outro. Daí nasceu a sua maneira espiritual de percorrer os Sacrários do mundo e de permanecer interiormente junto de Jesus Eucaristia.

O quarto de uma mulher parálitica tornou-se, assim, um lugar missionário. Não podendo percorrer fisicamente o mundo, percorria-o através da oração. Que mensagem tão forte para uma cultura dominada pela eficácia, pela produtividade e pela visibilidade! Alexandrina recorda-nos que uma vida aparentemente «inútil» aos olhos do mundo pode possuir uma extraordinária fecundidade.

Ela recebia a sua força da Eucaristia, que se tornou o seu único alimento durante os últimos treze anos da sua vida. Cristo Eucarístico tornou-Se o centro da sua existência. A Eucaristia não era simplesmente uma devoção entre outras: era presença, alimento, companhia e configuração com Cristo.

Perguntemo-nos: «É Cristo, presente na Eucaristia, o centro da minha vida cristã?»

São João Paulo II sintetizou a espiritualidade de Alexandrina em três palavras: «sofrer, amar, reparar». Ela teve experiências místicas ligadas à Paixão de Cristo. Mas a palavra decisiva é «amor». Reparar significa também responder ao mal com o bem, ao egoísmo com a entrega, à indiferença com o amor e à violência com a reconciliação.

O sofrimento não é um bem em si mesmo; é o amor que pode transformar aquilo que sofremos. A esperança cristã não significa ausência de sofrimento, mas a certeza de que o sofrimento não tem a última palavra.

Alexandrina não ficou fechada no seu próprio sofrimento. Preocupava-se com os pobres, com a vida espiritual da sua paróquia e com aqueles que a procuravam.

Rezava pelos pecadores e interessava-se pela conversão e santificação das pessoas. Em 1944, tornou-se Cooperadora Salesiana, oferecendo particularmente a sua oração e o seu sofrimento pelos jovens e pela missão salesiana.

Quanto mais limitada estava fisicamente, mais universal se tornava o seu coração. Neste mundo que procura a eficiência, Alexandrina ensina-nos que uma pessoa idosa, doente ou impossibilitada de sair de casa pode continuar plenamente integrada na missão da Igreja.

A sua espiritualidade foi também profundamente mariana. No dia da sua beatificação, São João Paulo II voltou precisamente a esta devoção ao Imaculado Coração de Maria, desejando que ela fosse uma porta de esperança para a humanidade do nosso tempo. Em Alexandrina, porém, Maria nunca ocupa o lugar de Cristo: leva-a a entregar-se mais radicalmente a Ele e à salvação dos irmãos.

Uma das suas maiores preocupações foi a conversão dos pecadores. Desejou até colocar na sua sepultura um pedido aos pecadores para que se convertessem. Para ela, valia a pena oferecer a própria existência pela salvação dos outros. O cristão recebe o Evangelho também para que outros possam descobrir o amor de Deus.

Pergunta-te: quanto me importa realmente a vida espiritual dos outros?

Aqueles que visitavam Alexandrina encontravam uma mulher sorridente, capaz de transmitir paz, apesar do profundo sofrimento interior e físico. É impressionante ver como nela coexistiam um sofrimento intenso e uma enorme capacidade de acolhimento.

Queridos irmãos e irmãs, a vida de Alexandrina deixa-nos alguns apelos concretos:

Que a Eucaristia seja o centro da nossa vida cristã, como neste Santuário, onde Jesus Eucaristia é o centro.

Que aceitemos a nossa fragilidade, sem considerar inútil a nossa vida.

Que transformemos o sofrimento em amor, sem procurar o sofrimento nem considerá-lo bom em si mesmo.

Que saibamos oferecer a vida pelos outros, superando uma espiritualidade excessivamente individualista e redescobrimo a oração de intercessão e a responsabilidade pela salvação dos irmãos.

Que vivamos a devoção a Nossa Senhora como caminho para Cristo, confiando sempre na possibilidade da conversão e na misericórdia de Deus.

Que sejamos missionários unidos a Cristo, mesmo quando aparentemente nada podemos fazer.

Tudo isto nos ajudará a viver com esperança, porque a última palavra sobre a existência cristã não pertence à dor nem à morte, mas à Ressurreição.

São João Paulo II, na beatificação, disse que o segredo de Alexandrina não estava, antes de mais, nos fenómenos místicos extraordinários, mas no amor. E concluiu: «O amor a Cristo é o segredo da santidade!» Isto vale também para nós: o amor a Cristo é o segredo da santidade.

Que este Santuário Eucarístico de Balasar seja um espaço sagrado que ofereça aos peregrinos silêncio e contemplação no meio da agitação do mundo. Que faça nascer em muitos a nostalgia de Deus e os ajude a encontrar-se com Cristo na escuta da Palavra, da qual Nossa Senhora é modelo, e na celebração dos Sacramentos, particularmente na Reconciliação, caminho de conversão, e na Eucaristia, na qual recebemos o próprio Cristo.

Amen.

D. Andrés Carrascosa
Núncio Apostólico